



Veredas Atemática

VOLUME 16 nº 2 - 2012

---

**A definição do diário como um gênero:  
entre diário íntimo e o diário de aprendizagem**

Valdeni da Silva Reis (UFMG)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva definir e relacionar a noção de pertinência e normatividade linguística no intuito de discutir como o diário de aprendizagem é constituído como um gênero. Para tanto, há um foco na distinção entre diário íntimo e diário de aprendizagem por meio da análise de excertos de diários. Desse modo, o presente estudo propõe a reflexão acerca da constituição do diário como gênero, explorando a existência de características presentes na escrita tanto do diário de aprendizagem quanto no diário íntimo. A análise aponta a existência de determinados traços, historicamente delimitados, que caminham na direção da manutenção e/ou atualização de um gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero; diário; pertinência; normatividade; regularidade

**25 de fevereiro 1893**

**Hoje tive o maior espanto** de minha vida. Vovó, todos os sábados, manda meus irmãos ao Palácio, que é perto da chácara, trocar uma nota em borrusquês\* do Bispo. Põe tudo numa caixa de papelão e fica sentada na sala de jantar, à espera das pobres dela. A cada uma dá um borrusquê novo de duzentos réis. São elas Chichi Bombom, Frutuosa Pau-de-Sebo, Teresa Doida, (...) Vovó diz que quem dá aos pobres empresta a Deus. Ela já deve ter no céu um dinheirão guardado, pois empresta tanto!

Eu sempre fico por perto ouvindo as queixas, disfarçando com um exercício em cima da mesa, porque acho graça na briga delas, quando querem ganhar

---

<sup>1</sup> Professora visitante da Área de Língua Inglesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

dois *borrusquês em vez* de um. Hoje, depois que vovó deu às outras o seu *borrusquês*, tirou dois e deu a Siá Fortunata, mãe de Bertolino. (...).

(MORLEY, 1998, p. 29)

**18 de junho de 2002**

**Hoje foi o meu primeiro dia de aula** do curso de inglês. Confesso que estava super desanimada, pois as aulas de inglês e a forma como a língua me foi ensinada na escola sempre foram muitas chatas. **Tive uma surpresa maravilhosa**, pois a professora é super animada e simpática e a aula foi super descontraída. *Aprendemos como ser a “pessoa educada” e a perguntar “qual é o seu nome?”, “como vai você?”.* A professora se chama X e agora eu estou com uma expectativa muito boa do curso.

Ah, para fechar a aula, ela deu uma música super legal!

(Carla, básico I)

### **Introdução: Íntimo ou de aprendizagem? De ontem ou de hoje?**

Ainda que apresentados desprovidos de qualquer contexto, creio ser possível determinarmos o tipo de escrita ou texto que abarca os excertos acima que abrem a discussão que aqui proponho. Porém, antes de explorar tal definição, ressalto a distância temporal que separam tais escritos. O primeiro, retirado do livro *Minha vida de Menina* (MORLEY, 1998), foi escrito pela autora em sua infância em Diamantina no século XIX, mais precisamente, nos anos 1893, 1894 e 1895. Já o segundo relato foi escrito por uma aluna de um curso de inglês básico no ano de 2002. Portanto, muitos são os anos que separam uma escrita da outra. De forma curiosa, na contramão, muitos são os elementos que aproximam essas escritas, permitindo que sejam não apenas definidas, mas também identificadas como pertencentes a um mesmo gênero.

A partir de uma normatividade configurada em traços regulares e comuns às duas formas de escrita, temos a definição do gênero desses excertos. Dito de outro modo, no que se refere à materialidade linguístico-textual desses excertos, isto é, às características que os constituem e os aproximam, podemos perceber e apontar elementos que configuram uma normatividade que parece agregar esses relatos em um mesmo gênero, a saber, o gênero diário.

Detalhando essas características, aponto que ambos são iniciados com a definição e explicitação do dia e do ano em que foram escritos. A seguir, em ambos aparece a palavra *hoje* para iniciar o texto. A partir daí, há uma constante alternância dos tempos verbais presente e passado e, ainda, a ocorrência do verbo *ter* no passado (*tive*) em ambos os relatos. Há também um processo de descrição dos fatos, que destaco acima em itálico. Além disso, os escritos são relacionados pela predominância de uma linguagem coloquial (“*em vez de*”; “*super animada*”, etc.) e pela existência de um evento destacado pelas autoras de forma particular, dada sua importância e efeito: “... *maior espanto*...”; “... *uma surpresa maravilhosa*...”.

Desde que inserido e ativo em nossa prática social (considerando aí o contato com a leitura e escrita), qualquer pessoa define esses excertos como pertencentes ao gênero diário<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Devo ressaltar, contudo, que o fato de o diário de aprendizagem ser passível da leitura do professor faz com que muitos sentidos sejam mobilizados, segundo as demandas circulantes na relação aluno e professor (REIS,

É interessante observarmos que, nesse primeiro momento, não há elementos suficientes para separá-los como gêneros distintos, isto é, gênero diário íntimo ou gênero diário de aprendizagem, por exemplo. Há uma série de normas que determinam que essas escritas são do gênero diário, tornando indispensável discutir um ou outro como uma subcategoria, dada a sensibilidade e inconstância de suas nuances ou diferenças.

Nesse trabalho discuto, assim, a normatividade e pertinência constituintes e determinantes do gênero diário<sup>3</sup> (de aprendizagem) como um modo de enunciação. Para tanto, buscarei analisar cinco relatos de diários que fazem parte do extenso *corpus* que constituiu minha dissertação de mestrado<sup>4</sup>, na qual aponte e analise as representações dos alunos de inglês como língua estrangeira (LE).

Para a presente proposta, retirei aleatoriamente cinco dos diários que compõem o *corpus* da pesquisa anterior. Isso feito, optei por analisar o primeiro relato de cada um dos cinco diários, a fim de estabelecer um primeiro critério metodológico. A partir de Rastier (2000), estabeleci meus principais critérios de análise, sendo estes a observação de aspectos *intra e extralinguísticos*.

Esse trabalho está dividido em duas seções principais nas quais discuto primeiro a referência teórica que me orienta, bem como uma definição e localização do termo diário (subseção) e, posteriormente, uma breve análise da escrita de diários e do modo como esses são constituídos e identificados como um gênero.

## 1. Modos de enunciação e gêneros textuais: tecendo um discurso

Ponto de partida e fio condutor da discussão aqui proposta é delimitar o que entendo por modo de enunciação, antes de estabelecer sua relação com o conceito de gêneros textuais.

A partir de Dias (2005), percebo que modo de enunciação está diretamente ligado às condições de ocupação dos lugares de sujeito e objeto nas produções textuais. Em outros termos, percebemos que o modo de enunciação está no uso de pronomes e na ocupação dos lugares sintáticos, isto é, sujeito, objeto, adjunto. Já em seu trabalho posterior, Dias (2007) focaliza o conceito de enunciação como acontecimento histórico. Segundo o autor, nessa perspectiva, há uma necessidade de “anonimato” das enunciações, para que estas ganhem sentido, ou seja, para que o sentido seja instaurado, ou para que o efeito de literalidade seja constituído. Dito de outro modo, nesse movimento de atribuição de sentidos trabalha uma exterioridade sobre a qual todo texto se constitui. Essa exterioridade é, portanto, uma memória, um já-dito, o imaginário da história.

Considero, assim, que “um texto é afetado por uma memória de ordem discursiva que orienta os sentidos numa direção determinada, mas produz para o sujeito a ilusão de que os sentidos não possuem direção, e que são naturais (literais)” (DIAS, 2007, p. 321). Desse modo, assumo aqui que modo de enunciar, ou enunciação está inevitavelmente relacionado à produção de sentidos, ou como prefiro, está intimamente imbricado à produção de efeito de

---

2007). No presente trabalho, não observarei tais efeitos de sentido, mas sim as unidades e estruturas linguísticas da escrita, estando mais centrada, portanto, em seu formato.

<sup>3</sup> Gostaria de citar o detalhado estudo desenvolvido por Anna Rachel Machado (1998) sobre o diário de leituras. Nesse trabalho, a autora discute o diário como um gênero, mas o faz partindo do conceito de gênero tal como propõe Bakhtin (1953); Scheneuwly, (1994) e Fairclough, (1989) e da teoria da *ação comunicativa* (HABERMAS, 1981).

<sup>4</sup> “O diário de Aprendizagem Sob a Perspectiva do Processo Discursivo” (cf. REIS, 2007), sob a orientação da Profª. Drª. Maralice de Souza Neves.

sentidos, entendendo que estes sempre podem receber mais de um significado, não existindo, portanto, sentido único, verdadeiro, certo. Então, o sentido é possível graças à atuação da memória criada e alimentada pela história que constitui e é constituída pelo sujeito que fala. Nessa mesma direção, compreendo a gêneros textuais como esse trabalho ativo da história, da memória, do sujeito e de sua língua.

Todo texto se situa como uma prática a partir de seu gênero (RASTIER, 1998). Assim, segundo o autor, o gênero funciona como um princípio organizador do texto e, concomitantemente, um modo semiótico de práticas ordinárias. É o gênero, portanto, que permite que contexto e situação sejam ligados. Dessa forma, Rastier (1998) afirma que o contexto situacional se torna pertinente por meio do contexto lingüístico, bem como pela mediação das normas específicas de cada gênero. Ao mesmo tempo, o autor ressalta que esse contexto transborda os limites do situacional, indo além do “aqui e agora”. Isso nos indica, a meu ver, a importância e atuação de uma exterioridade que também trabalha na mediação das normas constituintes dos gêneros.

Para Travaglia (2002), há uma normatividade cujos elementos não apenas perpassam constituindo os gêneros, mas também possibilitando que estes circulem regularmente, sendo prontamente reconhecidos como instrumentos de controle nas/das práticas e do convívio social. Já Rastier (1998) afirma que o texto é apenas uma globalidade transitória na medida em que reconhecemos a importância das normas de gênero. O autor afirma ainda que a significação e estabilidade das práticas de linguagem são asseguradas graças a essa normatividade dos gêneros.

Rastier (2000), por outro lado, afirma ser conveniente relacionar, por meio de uma semântica de normas, a diversidade de textos à diversidade de gêneros e de práticas sociais, tendo-se em vista, que todo texto procede de um gênero e, por sua vez, todo gênero provém de um discurso. Nessa direção, o autor propõe alguns critérios de tipologia intralingüística (estruturas e unidades) e extralingüística (objetivos e situação de textos) para trabalhar a codificação dos gêneros para apontar sua diversidade de normas e de usos. No entanto, devo ressaltar que o autor está tratando de um extenso *corpus* (lingüística de *corpus*) constituinte dos bancos textuais. Sua discussão não comporta, assim, os objetivos de minha proposta. Por outro lado, procurarei observar na análise de diários de aprendizagem, de que modo esses critérios me podem ser relevantes.

Proponho, desse modo, analisar alguns relatos escritos em diários de aprendizagem de língua estrangeira – LE – a fim de explorar a existência dessa normatividade e observar o modo com que ela constitui a escrita desse diário caracterizando-o como um gênero.

Na subseção seguinte, procuro discutir esses critérios, bem como retomar o conceito de gênero relacionando-o com o conceito de diários de aprendizagem.

## **2. Nem íntimo, nem de aprendizagem: pertinência que classifica o gênero**

Rastier (1998) defende que somente no interior do gênero é que podemos caracterizar e analisar um texto. Nesse sentido, gênero relaciona-se com a noção de intertexto e, dessa forma, a noção de *pertinência* deve ser evocada.

Ao tratar dessa noção, busco mobilizar os processos de constituição de sentidos considerando aí, a história, o imaginário e todos os deslocamentos e efeitos de sentido daí oriundos. A partir de Dias (2007, p. 321), assumo que “em todo texto habita um exterior pertinente, produzindo as possibilidades de sua filiação”. Nessa perspectiva, o autor ressalta que no acontecimento enunciativo há um trabalho sobre os sentidos já experimentados, sobre

os quais a tomada de posição do enunciador está sempre filiada a uma memória de ordem histórica. Nas palavras de Dias (2007, p. 323),

a questão da pertinência de um dado texto ao gênero, e, portanto, ao corpus, passa por um efeito de identificação no acontecimento. Temos, no intervalo entre o acontecimento em que nasce o texto e sua filiação ao *corpus*, a possibilidade do equívoco, isto é, a possibilidade de um ponto de fuga do texto ao *corpus*, produzindo espaços de indistinção com outro gênero, ou mesmo produzindo o espaço para o surgimento de novos gêneros.

Procuro, assim, relacionar essa questão de pertinência à questão de normatividade para discutir brevemente o diário de aprendizagem de LE como um gênero. Como categoria principal dessa proposta, aproximo-me dos critérios propostos por Rastier (2000), desde que as devidas considerações sejam explicitadas. Observarei dentro de seu critério de tipologia intralingüística, não o que o autor propõe à exaustão em sua lingüística/semântica de *corpus* (*isotopias, temas e topoi, etc*<sup>5</sup>), mas, sobretudo, o aparecer – no fio do discurso que compõe o diário – daquilo que se referem às suas estruturas e unidades. Desse modo, estarei centrada no modo de enunciar (o como é dito), no modo de dizer e nas tomadas de posição discursiva do escrevente do diário. Por exemplo, observarei a estrutura desse relato: o modo de iniciar e terminar; o que ressalta; os verbos e os adjetivos mais utilizados; etc. Em relação ao critério extralingüístico, analisarei, tal como propõe diretamente o autor, os objetivos e a situação explicitada nos/pelos relatos.

Assumindo, mais uma vez, que somente no interior de um gênero ele poderá ser caracterizado e discutido, preciso, antes de propor qualquer análise, definir o diário tentando apresentar uma breve localização espaço temporal dessa escrita<sup>6</sup>.

Machado (1998) busca em Lejeune os primeiros indícios da utilização do diário no cenário educacional. Segundo Machado (1998), por meio da leitura de análises feitas por Lejeune de diários íntimos escritos nos séculos passados (entre os anos 1766 e 1901), é possível constatar que essa escrita era ali constituída como uma prática cotidiana para exames de consciência, ou como prática educativa, objetivando, entre outros, o aprendizado e desenvolvimento da escrita. A grande parte dessa produção estava destinada, no entanto, a estabelecer uma forte relação entre o autor dessa escrita e sua mãe e/ou sua instrutora (professora), sendo esta última a responsável pelo estabelecimento de regras e pela correção da escrita, que era reservada a trilhar as jovens rumo ao hábito da escrita e da leitura, além de uma investigação acerca de sua própria personalidade.

No campo da LA, lugar do qual parto, o diário de aprendizagem se tornou nos últimos 50 anos, instrumento comumente discutido e definido como um método de coleta de informação que estabelece diálogos entre alunos e professores utilizados para fins avaliativos (GENESEE e UPSHUR, 1996, p.119) ou não. Nesses termos, o diário de aprendizagem pode ser definido como um instrumento no qual o aluno desenvolverá uma escrita acerca dos acontecimentos ocorridos na sala de aula de uma língua estrangeira (LE). Desse modo, essa escrita está destinada a se referir às impressões e sentimentos do aluno. Muito comumente, o diário tem sido discutido como um elemento fundamental para o desenvolvimento da prática reflexiva (KERKA, 2002; LUKINSKY, 1990; MARTINS, 2004; MICCOLI, 1987; entre outros).

<sup>5</sup> Para detalhes sobre os critérios, bem como sobre os bancos textuais ver Rastier (2000).

<sup>6</sup> Em trabalho anterior (REIS, 2007) procuro delinear uma detalhada *historicização* da escrita do diário. O que apresento na presente escrita como contextualização e conceituação do diário de aprendizagem se refere, portanto, a um recorte desse trabalho. Ver Reis (2007).

Voltando ainda mais no tempo, aponto que a escrita do diário ganha destaque a partir do século XIX, devido às mudanças históricas e sociais desencadeadas nesse período. De acordo com Lourau (1988), seu desenvolvimento está ligado a uma tentativa de restabelecer uma ordem temporal rompida nesta época (*apud* MACHADO, 1998). Essa desordem, prossegue o autor, atinge principalmente os indivíduos ali inseridos que, em meio a tantos questionamentos sobre a própria identidade, tecem a escrita do diário com o intuito de delinear sua própria história, localizando-se assim no tempo e no espaço, como uma tentativa de ordenar o caos e/ou se ordenar em meio ao caos.

Finalmente, ressalto que os diários de caráter intimista e auto-revelador foram desenvolvidos a partir de Cristo (Cristianismo) por causa das confissões e dos relatos de conversões recorrentes na época, como pode ser observado nos escritos de Santo Agostinho e do Cardeal Newman, ambos de caráter religioso (COUTINHO, 1967). O autor aponta ainda a existência de escritos que se apresentam como forma de diários ou autobiografias com a idéia de explicação, auto-justificação, perseguição ou desajustamento social como os de Rousseau ou os relatos de expressão de artistas como os desenvolvidos por Cellini e por Delacroix.

A partir do exposto acima, posso constituir, ainda que de modo superficial, uma espécie de exterioridade que delimita a escrita do diário que hoje utilizamos em nossas aulas de LE. Dito de outro modo, as características apontadas desde o surgimento do diário, certamente servem (serviram) para o modo com que hoje sua escrita faz ressoar determinados efeitos de sentido. Seja de caráter íntimo; seja por uma necessidade de confissão e conversão; seja para estabelecer diálogo com a mãe ou com a professora; seja para refletir sobre a aprendizagem de LE, essa escrita se constitui por uma memória, por uma história. Em suma, a escrita do diário é elaborada a partir das vozes que ecoam de uma memória de ordem histórica e que trabalham constituindo uma exterioridade que afeta e orienta os sentidos produzidos e mobilizados dentro dessa escrita.

Proponho, na seção que se segue, observarmos se e como essa exterioridade pode ser apontada na estrutura e nos modos de enunciação que constituem o diário revelando-o como um gênero textual.

### **3. No interior de uma escrita: analisando o gênero diário de aprendizagem**

Ao propor uma discussão do diário de aprendizagem como um gênero, além de procurar defini-lo e determinar qualquer localização espaço-temporal de sua ocorrência, preciso apontar seu funcionamento lingüístico como acontecimento. Dito de um outro modo, para apontar o interior de um gênero é necessário analisar o modo de enunciação que o constitui. Nesse sentido, preciso relacionar alguns relatos<sup>7</sup> para apontar além de uma certa normatividade, o modo com que a pertinência aí se faz presente. Vejamos, assim, os relatos abaixo expostos:

**Relato 1**  
**09 de novembro de 2002.**  
**Querido Diário,**  
**Olá!!**

---

<sup>7</sup> Os relatos que aqui serão apresentados estarão na língua portuguesa. Contudo, ressalto que eles, na maioria das vezes, foram, parcial ou totalmente, escritos na língua inglesa. Nesses casos, ver transcrição do original em anexo.

**Eu estou** muito feliz porque **hoje** começou meu curso de inglês na UFMG. Eu estou muito, muito feliz. Mas **eu não tenho** muitas coisas para contar para você, meu diário.

Bem, **hoje não tive** “aula”. Você sabe, primeiro dia de aula, nunca acontece alguma, mas foi bom. **Eu conheci minha professora (X) e algumas pessoas que serão de minha turma. Foi divertido.** **Nós** conversamos sobre o curso, a língua, etc. **Acho que gostarei** muito.

Tchau.

#### **Relato 2**

**11 de novembro de 2002.**

**Querido Diário,**

**Hoje** foi a primeira aula. **Eu estou** muito feliz porque a professora é a mesma: X. Agora, **eu estou** no básico II (segundo nível). **Eu acho** que eu continuarei aprendendo muitas coisas com a minha professora e com meus colegas. Alguns deles são novos para mim e outros eu conhecia do último nível, básico I.

#### **Relato 3**

**07 de outubro de 2003.**

**Meu querido diário,**

**Hoje** começou a aula de inglês. Mas **eu não participei**, porque eu fiquei presa no congestionamento. **Eu fiquei muito triste**, porque eu acho que é muito importante para todos nós o primeiro dia de aula. Ele é importante para nos situar.

#### **Relato 4**

**03 de abril de 2004.**

**Querido Diário,**

**Hoje foi** meu primeiro dia de aula. Na semana passada teve aula, mas eu não fui porque eu recebi a informação que a aula ia começar hoje. **A professora me entregou o cronograma e exercícios para eu resolver. Nos estudamos o alfabeto, fizemos um diálogo e começamos a ver o livro Alice no País das maravilhas.** Dois alunos levaram músicas e o primeiro deles fez uma excelente apresentação, mas eu entendi muito pouco daquilo que ele falou.

#### **Relato 5**

**18 de junho de 2002.**

**Querido diário,**

**Hoje foi o meu primeiro dia de aula** do curso de inglês. **Confesso** que estava super desanimada, pois as aulas de inglês e a forma como a língua me foi ensinada na escola sempre foram muitas chatas. **Tive uma surpresa** maravilhosa, pois a professora é super animada e simpática e a aula foi super descontraída. **Aprendemos como ser a “pessoa educada” e a perguntar “qual é o seu nome?”, “como vai você?”<sup>8</sup>.** **A professora se chama X e agora eu estou com uma expectativa muito boa do curso.**

Ah, para fechar a aula, ela deu uma música super legal!

A partir desses cinco relatos escritos por diferentes alunos, posso afirmar que há indícios de um texto-memória que faz com o enunciado circule em meio a previsíveis e regulares modos de enunciação. Em outras palavras, ao analisar e caracterizar um dado gênero, são as regularidades que primeiramente determinam tal classificação. No que se refere ao critério de tipologia intralingüístico (RASTIER, 2000), aponto, primeiramente, as

---

<sup>8</sup> No original apenas essas expressões entre aspas estavam em inglês: “polite person”, “what’s your name?”; “How are you?”.

regularidades lexicais que funcionam como um ponto de homogeneização que determina que esses relatos pertencem ao gênero diário.

Observemos que em todos as 5 ocorrências são iniciadas com a expressão “querido diário”. Notemos que apenas o relato 3 adiciona a ela o pronome possessivo “meu”, mas sem que qualquer alteração de sentido seja notada. Com isso, é evidenciado o ponto tênue entre o diário íntimo e o diário de aprendizagem. Percebemos, assim, o discurso sendo afetado e norteado por uma memória que movimenta o gênero, mas, ao mesmo tempo, garante a conservação e de determinadas características. Por isso, antes de ser diário de aprendizagem (ou concomitantemente sendo), esse relato é simplesmente **diário** subsistindo com todas as características que o definem em sua história, mesclando-as e ancorando a atualidade que garante sua permanência como gênero.

Observando o relato 5, posso ressaltar que uma característica antiga ainda ressoa como memória que determina o modo de enunciar nessa escrita. Destacando o seguinte trecho: “...**confesso** que estava super desanimada ...”, explícito que, segundo Coutinho (1967), o diário surge com o cristianismo, como instrumento de confissão e conversão. Não poucas vezes, o sentido da confissão e do teor religioso ressoam nessa escrita<sup>9</sup>, fazendo com que certa repetibilidade possa ser apontada e um gênero caracterizado. A palavra *confesso*, pode ser entendida aqui, também como um elemento do critério extralingüístico uma vez que por meio dela, é explicitada uma situação anterior, um lugar de memória dessa escrita e de seus sujeitos. Em outros termos, por meio dessa palavra é aportado o efeito de uma memória discursiva que nos mostra que há sempre algo que fala antes, em outro lugar (interdiscurso), mas que é sempre retomado pelos sujeitos em suas novas situações de enunciação. Confissão é tida como dizer uma verdade sufocada, assumir algo, para alguém, sendo este alguém geralmente o padre. Espera-se, nesse sentido, que a confissão seja algo revelador, uma verdade barrada. Nos termos da aluna, ela assume que estava desanimada devido a suas experiências anteriores com a língua inglesa, mas afirmando ter tido *uma surpresa maravilhosa*.

Ainda intralingüisticamente, aponto para a recorrência da marcação temporal presente em todos os relatos. Notemos que todos os relatos ou são iniciados ou apresentam em seu corpo o adjunto adverbial de tempo **hoje**. Podemos assim afirmar que essa é uma das características do relato que o define como um diário ou o faz ser reconhecido como tal. Retomando o relato de Helena Morley que abre esse trabalho, ressalto que pelo menos nesse ponto, juntamente com todos os outros explicitados na abertura desse trabalho, não deve haver uma distinção entre a denominação dos diários (aprendizagem ou íntimo), uma vez que as características que os compõem já se mesclaram, já coexistem.

O advérbio temporal hoje marca, portanto, uma escrita centrada e desenvolvida em um determinado espaço de tempo. O **hoje** marca o presente, mas, ao mesmo tempo, introduz o tempo passado por meio dos eventos apenas ocorridos: “hoje foi meu primeiro dia de aula...”; “hoje começou meu curso de inglês...”, etc. Ao mesmo tempo, podemos notar que a estrutura dos relatos é marcada por um constante *ir e vir* dos tempos verbais oscilando entre presente e passado, conforme destaque por meio dos excertos: “... mas **eu não tenho** muitas coisas para contar para você, meu diário. Bem, **hoje não tive** “aula”...” e “foi a primeira aula. **Eu estou** muito feliz...”.

Ao mesmo tempo, há uma regularidade também no que concerne à unidade pronominal. Melhor dizendo, outro elemento recorrente nos relatos é a marcação do lugar do sujeito indicada pelo uso insistente da primeira pessoa do singular EU: “tive; eu fiquei; eu

---

<sup>9</sup> Ver discussão sobre a confissão nos diários de aprendizagem em Reis (2007) e mais especificamente, em Reis (no prelo).

acho; eu não participei”, etc. Como aparece no relato 1, também há ocorrência da utilização da primeira pessoa do plural, nós, (...*nós conversamos*. Muitas vezes, esse uso se revela como uma característica extralingüística que pode apontar para um distanciamento de quem enuncia para que lhe seja possível fazer críticas, ou coisa parecida (cf. REIS, 2007). A ocorrência que aponto acima, não se encaixa, contudo, nesse efeito de sentido.

Retomando Rastier (1998), destaco a forma com que o gênero funciona como um princípio organizador desses relatos. Além dos elementos já mencionados acima, notemos a recorrência descritiva constituinte dessa escrita, como pode ser observado nos trechos sublinhados acima e no seguinte trecho: “... a professora me entregou o cronograma e exercícios para eu resolver. Nós estudamos o alfabeto, fizemos um diálogo e começamos a ver o livro Alice no País das maravilhas...”.

Percebemos, por tudo isso, que o contexto situação funciona como *um pano de fundo(s)* para que seja delineado um contexto lingüístico capaz de mediar as normas específicas nessa escrita efetivando, assim, a ligação entre contexto, situação e memória.

A pertinência desses relatos ao gênero passa pelo efeito de identificação no acontecimento, levantado por Dias (2007). Daí é que se torna possível tanto apontar as normas, revestidas de traços regulares que constituem os gêneros, como também perceber os espaços de indistinção com outro gênero, como um relato íntimo ou de aprendizagem, por exemplo, ou ainda, perceber o espaço para o surgimento de novos gêneros, como acontece hoje com os *blogs*, a forma de escrita de diário extremamente atualizada aos novos tempos e às tecnologias, mas que ainda assim, carregam características “desse primo distante” mescladas a outras normatividades que não cabem ser discutidas nesse momento.

Objetivando não extrapolar os limites de tempo e de espaço nos quais essa discussão é concebida, creio ser o momento de encerrá-la, demarcando, no entanto, que nem de longe as possibilidades foram todas apontadas, exploradas, desenvolvidas. Procurei, de qualquer modo, olhar para o interior da escrita do diário analisando sua estrutura, unidades, formas, enfim, que apontem para um exterior pertinente indicador das possibilidades de sua filiação.

## Íntimo e de aprendizagem: Considerações finais

10 de dezembro de 1895.

No **exame de Geometria eu fui tão feliz** que me parece até um sonho!

Catãozinho é outro professor meu amigo. Até me atrapalha a vida porque acha graça na minha vadiação e nunca me obriga a estudar. (...) Voltando ao exame. **Na prova escrita Clélia me deu o borrão dela e eu copiei**. Na oral, nos quinze minutos que temos, Clélia me levou para o canto do outro salão e disse: “Helena, preste atenção, pelo amor de Deus, estes quinze minutos, que você faz um exame bom” Explicou-me os teoremas com tanta clareza, que da segunda vez eu repetia para ela muito bem. (...)

(Helena Morley, 1998, p. 320)

28 de novembro de 2002.

Querido diário,

Hoje eu estou muito feliz, mas muito cansada também. **Eu viajei para Uberlândia no final de semana, na sexta e cheguei ontem de manhã**. Eu preciso muito dormir! A professora sabe disso.

Oh, **mas eu estou feliz porque eu vi meu namorado (meu amor!) e beijei muito! Então, a aula foi maravilhosa (...)**

(Simone)

*Em (boa) hora* de encerrar a discussão proposta para esse trabalho, retomo os excertos acima que, ainda que separados por séculos, épocas e gerações me permitem apontar tanto normas que garantem um enquadramento de produção, distribuição e identificação deles como gênero diário quanto também explicitar e reforçar a não necessidade de uma discussão sobre subgênero, diário de aprendizagem. Vejo assim que o relato acima, escrito em 1895 por Helena Morley, apresenta elementos discutidos em minha seção de análise, assim como as características definidas para um diário de aprendizagem. Do mesmo modo, o relato de Simone, escrito em 2002, apresenta elementos de um diário íntimo, ainda que seu relato tenha sido escrito a partir de uma demanda didático-pedagógica (aprendizagem).

O texto ocupa assim uma globalidade transitória ao reconhecermos a importância das normas de gênero (RASTIER, 1998). Ainda segundo o autor, afirmo que os dois relatos acima indicam que todo texto é interpretado no âmbito de um *corpus*, sendo este constituído, antes de tudo, pelos textos que se situam no mesmo gênero e numa mesma prática social. Compreendemos ambos os relatos como diário, dada a história dessa escrita, considerando os sujeitos em sua prática social. É, dessa forma, possível afirmar que o texto é o lugar de encontro entre o contexto e o intertexto, sendo este constituído por um já-dito; uma memória, uma história, como discutido ao longo dessa proposta.

Obviamente, é nesse movimento que o gênero é, não apenas atualizado e mantido, mas também modificado. Surgem daí outros gêneros que constituirão sua própria história, ainda que tomem emprestado algumas velhas características, como acontecem com os *blogs*, novas formas de diário em nossos dias, mas dinamicamente atualizados ao incorporar tantos outros elementos da internet e de sua linguagem virtual.

Nesse trabalho, procurei definir e relacionar a noção de pertinência e normatividade no intuito de discutir o diário de aprendizagem constituído como um gênero. No decorrer da proposta, no entanto, houve o encontro da distinta nomenclatura para diário íntimo e de aprendizagem. Isso levou minha escrita à reflexão da flexibilidade do gênero, mas ao mesmo tempo da existência de normas que resistem persistindo em características que não permitem que essa distinção seja definitivamente feita sem contradições ou falhas. Acredito desse modo na existência de determinados traços regulares, historicamente delimitados, que caminham na direção da manutenção de um gênero. Ao mesmo tempo, há um movimento de atualização da exterioridade que pode fazer com que os gêneros sejam mobilizados e, quem sabe, outros gêneros sejam assim criados.

De qualquer modo, essa também é a dinâmica do ser vivo, do ser falante que mobiliza e é mobilizado nas práticas sociais e em seus objetos. A nós cabe, portanto, além de atuar (ainda que inconscientemente) nesse movimento, observá-lo. Cabe-nos, dessa forma, observar e, porventura, compreender o modo de funcionamento da escrita de ontem – como os relatos da infância de Helena Morley – e de hoje – como os relatos de aprendizagem de inglês como LE. Tal observação nos permite, em última instância, adentrar no modo de enunciar e nos efeitos de sentidos que socialmente circulam nos mais diversos gêneros.

**ABSTRACT:** This paper aims to define and relate the notion of linguistic relevance and normativity in order to discuss how the learning journal and diary are both constituted as a genre. Therefore, this study focuses on the distinction between learning journal and diary through the analysis of excerpts from diaries/journals. Furthermore, this study proposes a reflection on the constitution of the diary as a genre, exploring the existence of features present in both the written learning journal and the diary. The analysis points to the existence of certain features, historically defined, that work toward the maintenance or updating of a genre.

**Keywords:** Genre; learning journal/diary; pertinence; normativity; regularity;

## Referências

COUTINHO, A. **Antologia brasileira de literatura**. Rio de Janeiro. Vol. III. 2ª ed. Editora Distribuidora de livros Escolares LTDA. 1967.

DIAS, L. F. Modos de Enunciação e Gêneros Textuais: em busca de um novo olhar sobre gêneros de texto. In: FONSECA-SILVA, M. da C.; PACHECO, V.; LESSA-DE-

OLIVEIRA, A. S. C. (orgs.). **Em torno da língua(gem):** questões e análises. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007. p. 317-329.

DIAS, L. F. Textualidade e gramática: relações em construção. In: SCHONS, C. R.; ROSING, T. M. K. (Orgs.). **Questões de escrita**. UPF editora. 2005.

GENESE, F.; UPSHUR, J. A. **Classroom – based evaluation in second language education**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

KERKA, S. Journal Writing as an Adult Learning tool. **Practice Application Brief**, n. 22, 2002.

LOURAU, R. **Le journal de la recherche: Matériaux d'une théorie de l'implication**. Paris: Meridiens Klincksieck. 1988.

LUKINSKY, Joseph. Reflective Withdrawal Through Journal Writing. In: Mezirow J. & Associates (Eds.), **Fostering critical reflection in adulthood**. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 1990. p. 213-234

MACHADO, A. R. **O diário de leituras: introdução de um novo instrumento na escola**. São Paulo: Martins Fontes. 1998

MARTINS, R. L. Navegando por diários: uma professora a bordo de uma re(formação). **The Specialist**, v. 25, n. especial, p. 81-111, 2004.

MICCOLI, L. S. Journal – Writing as Feedback and as an EFL-Related-Issues Discussion Tool. **Estudos Germânicos**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 55-66, Dez 1987.

MORLEY, H. **Minha Vida de Menina**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RASTIER, F. Le Problème épistémologique du contexte et le statut de l'interprétation dans les sciences du langage. **Langages**. Paris, n. 129, p. 97-111, 1998.

REIS, V. S. **O Diário de Aprendizagem de Língua Estrangeira (Inglês) sob a perspectiva do Processo Discursivo**. 2007. 143.f. Dissertação (Mestrado Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

REIS, V.S. representações e deslocamentos: o diário de aprendizagem de LE como espaço de/para a confissão. (no prelo)

TRAVAGLIA, L. C. Gêneros de texto definidos por atos de fala. In: ZANDWAIS, A. **Relações entre pragmática e enunciação**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002. p.129-153.

Data de envio: 31/03/2012

Data de aprovação: 16/01/2013

Data de publicação: 06/02/2013

## ANEXO

### **Relato 1**

Dear diary,  
Hi!!

I'm so happy because today started my course of English in UFMG. I'm very very happy. but, I don't have must things for tell you, my diary.

Well, today didn't have "aula". You know, first day of class, never have nothing, but it was good. I met the teacher (x) and some people how will be of my class. It was fun. We talked about the course, language etc. I think I will like very much. Bye.

### **Relato 2**

Dear diary,

Today was the first class. I'm very happy because the teacher is the same: X. Now, I'm in the basic II (level Ii). I think that I'll keep learning many things with my teacher and with my colleagues. Some classmates are new for me, and others I knew in the last level, basic one.

### **Relato 3**

My diary darling,

Today to begin the lesson English. But, I don't participation, because I stayed prison the traffic jam! I stayed very sad, because I think that is very important for we the first day the lesson. It is important for we situar.

### **Relato 4**

**Dear Diary,**

Today was my first day of class. Last week there was class, but I didn't go because I received the information which will go begin today the teacher me entregou one schedule and exercises for resolve. We study the alphabet, make dialogue and began to work book Alice's Adventures in Wonderland. Two people carried songs the first boy do one excellent presentation but I didn't understand very few which he speak.

Dear diary,

Today I'm really happy, but I'm tired too. I traveled to Uberlândia at the last weekend on the Friday, and I arrived yesterday in the morning. I really need to sleep! The teacher knows this.

Oh, but I'm happy because I sow my boyfriend (my love!) and I kissed very much! So, the class was wonderful, the teacher is wonderful, my classmates are wonderful and the life is wonderful! Do you agree? Oh, but my English isn't wonderful! Not yet. But I'll arrive there! Because my teacher is wonderful, my... oh, that's enough!

(Simone)

---

\* Em nota de pé-de-página a autora explica que os borsusquês do bispo eram uma espécie de vales emitidos pela Caixa Pia da Diocese e assinados por ele. O nome desses vales vem do negociante francês Barrusque. Esses vales eram então emitidos pelos comerciantes, industriais e instituições de beneficência para suprir a falta de trocos, circulando como dinheiro.